



Deniz Ohde

Streu-licht

Luz difusa

Suhrkamp Verlag 2020
ISBN 978-3-518-42963-1

Excerto traduzido por Bruno Monteiro

Páginas 40-50; 60-67; 69-72

Quando perguntava à minha mãe sobre o seu passado, as suas respostas soavam como contos de fadas: «Eu venho de longe daqui, de uma pequena aldeia que fica junto ao mar nas montanhas, e essas montanhas deslizam até ao mar. Há apenas estreitas ruas poeirentas que levam até ao mar, e as pessoas não têm automóveis, mas sim burros, guiam as suas ovelhas pelas ruas e caminham com carrinhos de mão carregados de água; não há água boa na aldeia, é preciso comprá-la. Vender água foi o primeiro trabalho do meu irmão. Vivíamos numa casinha, eu e os meus irmãos, mas todos eles saíram cedo de casa, eram muito mais velhos do que eu. Tinha por isso o meu próprio quarto. Um luxo. Nesse quarto, havia uma cama e uma mesa pequena. De manhã cedo o chamamento do muezim despertava-nos, e quem não fosse à mesquita às sextas-feiras, era falado. Gostava de lá estar, o ar era fresco, e podia-se beber tanto chá quanto se quisesse; gostava de lá estar, era um esconderijo permitido. As galinhas cirandam livremente pelas ruas, e no verão caem bagas das amoreiras-negras. Também aqui há uma destas árvores junto ao rio, já a viste alguma vez? Fica só uns poucos metros afastada da colina. Aqui ninguém sabe que se podem comer as bagas, ficam caídas à volta da árvore no verão, borrões negros por todo o lado. Só se apanham as amoras aqui, mas a mim as bagas das amoreiras-negras lembram-me do passado, de quando era nova. Todos os dias estava sentada no chão a preparar as refeições, enrolava folhas de videira com pinhões e arroz e passas dentro, horas a fio. No outono conservava legumes em frascos. Na nossa terra diz-se que não é necessário vir um médico a uma casa em que se comem estes legumes; e era verdade, nunca veio nenhum médico a nossa casa. A maior parte das pessoas na minha família passou dos cem anos. Também tu e eu vamos passar dos cem anos. Foi porque a minha mãe lançou um feitiço aos *djins*, e os *djins* obedeceram-lhe, ela era uma sábia, disse aos *djins*: Protejam a minha família, ninguém deve lançar-nos mau olhado, e os *djins* protegem-nos desde então. Porque nunca ninguém nos lançou mau olhado, não tivemos nenhuma doença. Sinto a falta dela aqui, tal como dos legumes e da maresia, mas não importa, os *djins* protegem-te, eles trazem o mar até ti, ainda que tu não o vejas. À noite, eles sentam-se à volta da tua cama, mas não precisas de ter medo, não os consegues ver, eles montam guarda para

que tu possas dormir sossegada, todos os espíritos maus se mantêm longe da tua cama. De onde venho, acreditamos que existe um espírito para tudo, para o mar e as bagas e as ruas poeirentas nas montanhas. Eu amava-a, à minha aldeia, mas também me perguntava se aquilo era tudo o que existia. Tenho que ver apenas isto ao longo de toda a minha vida, perguntava a mim mesma. É bonito, mas será isto aquilo sobre que vão repousar os meus olhos ao longo de cem anos completos.»

Ela ouvia coisas que não estavam presentes, eram esses os sinais dela. «Devo abrandar», dizia ela; com o trabalho, com a roupa, com os pratos que vinha buscar à sala de estar. «Devo acalmar-me»; procurar estratégias para manter a calma, baixar a pressão arterial, afixar no frigorífico uma tabela com o teor de colesterol de diferentes alimentos (que ela, porém, depois não observava). Ocupar a cabeça com pensamentos bonitos para conseguir adormecer. «Eu imagino um pudim», dizia ela. «Devo proteger-me»; deixar aberta uma nesga da porta para que o meu pai se sentisse seguro de poder entrar sempre que quisesse; essa era a melhor maneira de prevenir que ele realmente entrasse no quarto. De contrário, batia com os punhos na porta, batia com os pés contra a caixilharia e gritava: «Deixa-me entrar!» Ela ouvia um tinido no ouvido direito e barulho «como papel amarrotado ou quando alguém muito perto remexe em folhagem seca». Até a sirene do complexo industrial lhe parecia muitas vezes algo no ouvido, e eu tinha que lhe dizer o que era para fazer, como tinha aprendido na escola. «É apenas uma simulação», dizia eu. Eu reconhecia-a pelo som metálico e algo arrastado a indicar o fim do alarme, que era primeiro ativado. «O que é uma simulação?», perguntava ela. «As sirenes». «Ah, são então realmente sirenes», dizia ela e o seu olhar, que errava nervoso pelas suas mãos, relaxava-se. «Devíamos agora fechar as janelas, se fosse de verdade», dizia eu. O som subia e descia de novo.

Nós simulávamos um caso de acidente químico, tal como simulávamos o alarme de incêndio. A cada par de meses, o complexo industrial lançava o seu fragor através da vila como um gigante com uma boca redonda, muito aberta.

Não era dado conhecimento antecipado para criar uma situação o mais autêntica possível. Uma vez, soou a sirene a meio do intervalo grande, quando a Sophia me estava a mostrar, num magote de crianças, uma brincadeira de bater as mãos. Atrás de nós, uns miúdos perseguiam-se às cavalitas, um pouco mais longe voavam bolas pelo ar. A sirene soou, e embora se tornasse claro no primeiro segundo para todos de que era apenas uma simulação, as crianças puseram-se em movimento; o estrépito de vozes tornou-se mais alto. Sophia e eu perdemo-nos de vista, e então deparei-me com um rapaz louro de uma das turmas mais velhas; ele apertou as pálpebras até os olhos serem apenas duas estreitas frinchas. «Para onde estás a olhar com esse ar de parva», perguntou ele, e eu desviei a cara para outro lado. «Uma destas miúdas chungas», ouvi dizer atrás de mim, enquanto tentava sair dali a correr para seguir os outros que confluíam para a entrada da escola. «Estas miúdas chungas», ouvi eu e logo a seguir uma palavra, que também começava por C mas diferente; depois, uma pancada forte nas costas, o asfalto escuro cada vez mais perto; depois, nada. Então por muito tempo, embora muito tempo seja a expressão errada, pois o tempo fora virado de pernas para o ar, nada.

Quando ergui a cabeça, o recreio da escola estava vazio. Vi como as portas duplas do edifício da escola se abriam e duas raparigas mais velhas saíam com umas folhas de papel nas mãos. Quando me viram deitada no meio do recreio, começaram a correr; agarraram-me pelos braços e levantaram-me a peso. O alarme tinha passado, e as aulas já tinham começado há muito tempo.

Debrucei-me sobre o lavatório e o sangue escorria-me do nariz, os meus pulsos apoiavam-se pesadamente nas bordas da bacia, e as minhas mãos pendiam inertes sobre o esmalte branco, frio e pintalgado de azul. «Um acidente», disse a enfermeira da escola, «não se passa nada», e deslizou os seus dedos pelo meu rosto, ali, onde ele chocou com o chão; no osso da bochecha esquerda e na cana do nariz, uma esfoladela e um inchaço, que aumentava a cada minuto, a pele estirou-se de tal maneira que refletia a luz e parecia estar molhada.

«Um acidente», disse a professora à minha mãe. Um acidente, e uma coincidência infeliz com o teste do alarme. «As crianças correm, sem olharem

por um instante à sua volta», por isso se devia repetir o teste (por isso mesmo é que existiam estes testes, para que num caso a sério a calma impere). «E ela», disse a professora e apontou para mim, o meu rosto inchado, «ela é de facto um pouco franzina». Eu já tinha reparado que não conseguia impor-me, que tinha uma pele fina, «talvez ganhar de futuro uma pele mais grossa», ela não se preocupava com o que dizia respeito aos outros, até havia zaragatas, são parte do desenvolvimento das crianças enquanto crescem, e daqui decorre que eu tenha sido, portanto, atropelada no tumulto, «com a sua vizinha fraquinha, às vezes é preciso falar mais alto, ser um pouco mais robusta, ah? Ela é sensível demais», disse a professora e debruçou-se nesse momento para mim.

No caminho para casa disse à minha mãe que palavra é que tinha ouvido, mesmo antes da pancada. Perguntei-lhe o que significava e ela disse que isso não podia ter sido assim, que era impossível que eu pudesse ser chamada assim. «É um insulto», disse ela. «Mas tu não podes ser chamada assim. Tu és alemã.»

«Tem que ver com ser demasiado sensível», dizia eu daí em diante, «é preciso ganhar uma pele mais grossa», com uma expressão de adulto no rosto, como se soubesse como isso se fazia, como se tivesse uma visão exata de qual seria o aspeto de uma pele que se conseguisse deixar crescer e da qual as pancadas nas costas ressaltariam como se não fossem nada.

A minha mãe ouviu à noite um camião a atravessar a parede. «Foi um estalido à séria», disse ela, «como se tivesse colapsado uma coisa grande mesmo ao lado da minha cabeça».

Ela repousava debaixo de lençóis brancos às riscas amarelas num quarto de hospital e olhou-me com o mesmo sorriso que tinha muitas manhãs, quando o vidro no chão já estava varrido e o meu pai tinha desaparecido há muito tempo com a sua mala de trabalho. «Não é nada de mal», disse ela, «em breve, volto a casa.»

[...]

Em 1999, a Sophia e eu entramos no liceu. Era de enorme importância para os professores tornar claro que éramos a futura elite; utilizavam esta expressão em orações subordinadas; ou, por vezes, aparentemente de maneira desconexa, exclamavam apenas «Vós sois a elite!» pela sala, e olhavam expectantes para os trinta alunos de dez anos vestidos com calças impermeáveis. Tratava-se de uma solicitação implícita, até aí eu já tinha percebido nessa altura, mas qual era exatamente o comportamento esperado de mim, o que se relacionava exatamente com pertencer à elite, eu não entendia, e também não era uma questão que colocasse a mim própria de maneira consciente, era muito mais uma perplexidade generalizada que daqui resultava.

Olhava fixamente horas a fio para o tampo da mesa de madeira maciça envernizada, as minhas costas pressionadas contra as costas da cadeira. Olhava fixamente para o papel de impressora acinzentado, em que estavam impressas tabelas e textos subdivididos em excertos, debruçava-me sobre as folhas, tão perto quanto possível sem a superfície perder a nitidez, e deixava o meu olhar repousar sobre a textura do papel. Na parte de baixo do tampo da mesa, estavam coladas pastilhas elásticas ressequidas, debaixo da mesa havia um cesto com papel velho de embrulhar sandes e pacotes de sumo esvaziados, sobre a parte de cima havia nomes garatuçados e frases escritas com canetas permanentes Edding e corretores Tipp-Ex. No verão, os braços ficavam colados ao verniz. Quando estava especialmente quente, por causa do suor, as cadeiras perdiam as suas cores e deixavam estrias vermelho-acastanhadas marcadas na roupa.

Eu suspeitava que pertencer à elite tinha alguma coisa a ver com uma certa postura. Em não estar sem tomar banho ou não ter buracos na camisola. Suspeitava que as minhas camisolas com dragões estampados, desbotadas pela lavagem, não eram apropriadas. Suspeitava que a minha residência não era apropriada, nem o eram os móveis velhos da cozinha, que a película de sujidade sobre a banca castanha da cozinha não combinava com isso, tão-pouco o papel de parede com elefantes no meu quarto, que estava rasgado em alguns sítios do reboco. Nem combinava comigo a tentar resolver contas de dividir num banco

de plástico branco, enquanto na televisão à minha frente passava o programa de televisão *Britt*. Tinha a sensação de que tinha algo a ver com o modo como eu ria. Que era obrigada a sorrir apenas de maneira contida e também só quando se tratasse de uma piada contida num poema decorado por mim.

Tinha a ver com madeixas de cabelo penteadas em filigrana em contraposição com o cabelo crespo e cortado em franja, usado solto com risco ao meio sobre a camisola de capuz, cujas bainhas das mangas estavam amareladas pelo fumo de tabaco do meu pai. Tinha a ver com este fumo, que estava em todas as fibras, e com o tapete com padrões orientais diante da porta do nosso apartamento.

Tinha algo a ver com o meu nome secreto e com eu comer poucos legumes, com que o meu pai me cortasse um pouco de fruta a cada par de semanas e fosse da opinião de que assim me manteria saudável, com eu comer pizza congelada ao almoço e com que ninguém no nosso apartamento comesse à mesa, pois esta estava coberta de jornais e de latas vazias.

Todos os alunos estavam nos seus lugares, eu olhava de cabeça baixa para o meu caderno fechado e ouvi como o senhor Kaiser, o professor da nossa turma, passava por entre as filas e permanecia diante das carteiras individuais. Numa voz enrouquecida, perguntava pelo significado de vocábulos. Quando me virei, vi a Sophia, que, junto com um par de outros alunos, levantava a mão a cada pergunta, a caneta ainda entre os dedos.

O senhor Kaiser permaneceu diante de mim, disse o meu nome e de seguida: «Mercado – qu'est-ce que c'est?»

Tinha algo a ver com o vazio na minha cabeça assim que me era colocada uma pergunta. Olhava-o de todos os ângulos, enquanto a aula à minha volta se encontrava num estado de suspensão e todos esperavam uma palavra de mim. Procurei na minha memória pela palavra, mas não a conhecia. Deixei o sangue subir às minhas bochechas e orelhas, sem levantar resistência, respirava com dificuldade, olhava fixamente para o tampo da mesa e as margens do papel, olhava para as pontas dos meus dedos, que repousavam sobre o tampo da mesa, e o senhor Kaiser olhava por cima das lentes em tons acastanhados dos

seus óculos, atrás das quais o seu olho esquerdo estrábico se desviava, de irritação, do ponto de focagem no meu rosto. Ele repetiu a sua pergunta, de maneira mais enfática e mais alto: «Mercado – qu'est-ce-que c'est?»

Aos dez anos, pus-me em cima de um peitoril e olhei para a rua abaixo. Podia acabar aqui, pensei eu, recuei chocada diante do pensamento e comecei, num sítio escondido atrás da cortina, a abrir um buraco na parede para construir uma gaveta secreta. Quando atingi o tijolo, desisti. De qualquer maneira também não sabia o que devia pôr lá dentro. Evitava os sítios no chão nos quais rangia o soalho debaixo do pavimento de cortiça. Durante um certo tempo, o meu pai manteve a porta do quarto fechada, do que se podia depreender que tinha recomeçado a comprar cerveja. A minha mãe e eu fechávamos devagar a porta da máquina de lavar, andávamos na ponta dos pés, pressionávamos só até metade o botão do autoclismo na casa de banho, não abríamos as janelas.

O meu pai passava as noites no quarto deitado num velho sofá com colchão de molas, ao seu lado o armário preto com os copos bons e um serviço de café, que a Sophia me tinha oferecido no último aniversário, ainda embrulhado no papel de embrulho transparente, porque o meu pai dizia que era demasiado valioso para ser usado. A minha mãe dormia sozinha na cama de casal com a cabeceira de pele sintética azul-escura, que tinha comprado por sentimento de obrigação. Ninguém, exceto o meu pai, fechava a sua porta. Não eu, pois nessa altura ainda tinha a armação da cama em placas de madeira pregada de maneira improvisada à parede, em que nenhuma porta encaixava; não a minha mãe, pois ela pendurava todas as calças passadas a ferro nos puxadores das portas. Os cinzeiros de cristal, que ela antes de eu nascer tinha comprado na feira da ladra, estavam por todos os quartos. Na mesa de comer pousava uma cobertura que a minha mãe trocava a cada duas semanas, não porque houvesse nódoas de refeições tomadas em comum, mas porque se tinham formado camadas de pó. Eu tinha a minha comida levada ao quarto, a maior parte das vezes a mesma que a do meu avô, talvez com um pouco mais de salada, alface com cebola cortada muito fina e sumo de limão; eu comia

sentada no chão, entre duas brincadeiras. O meu pai comia os restos à noite. Pegava neles do frigorífico e empilhava-os num prato, que levava consigo para o quarto e esvaziava iluminado pela luz azulada da televisão. O murmúrio constante da emissão televisiva embalava-me até adormecer e alternava com o rádio que de manhã era ligado com o primeiro gesto da mão e em que ribombavam, primeiro, das colunas de um gravador portátil, mais tarde, integrado no micro-ondas, os grandes hits dos anos 80 e 90. O meu pai sentava-se com as pernas cruzadas no canto de trás do quarto sobre as faturas e tossicava para limpar a garganta. A minha mãe juntava com uma esfregona seca os cabelos na tijoleira da casa de banho. Ela misturava suplementos vitamínicos na sua água, que se dissolviam a borbulhar, davam-lhe uma cor alaranjada e espalhavam um odor químico a tangerina pela cozinha. Os seus produtos de limpeza agressivos também não conseguiam libertar por completo a banca da película pegajosa que se colava constantemente na parte de baixo do esquentador da água, cujos tubos de cobre desapareciam no chão e através dos quais se podia ouvir quando o meu avô ia à sua cozinha.

Eu vivia num outro sistema de sinais. Decifrar corretamente a mais ínfima mudança na disposição dos móveis podia tornar-se para mim uma questão de sobrevivência. Tinha de aperceber-me do que acontecia no apartamento assim que chegava à porta, tinha de confirmar se a atmosfera estava carregada, tal como alguém que vivia no campo e tinha de se abrigar em segurança antes de uma tempestade. «Não ficar debaixo de uma árvore quando relampeja!», era-nos dito nas aulas de estudo do meio, «um automóvel é uma jaula farádica», mas para mim estas informações eram inúteis, para mim importava: Quando a porta da sala está fechada, move-te em silêncio. Os estilhaços de vidro eram apenas o sinal mais notório, quando apareciam então qualquer pessoa podia também ver, mas tratava-se do antes de acontecer. Tratava-se de saber comportar-se de maneira especialmente astuta *antes* de que se desencadeasse e de se afastar da linha de fogo. Não ter responsabilidade por nada. Não entrar com o pé esquerdo, não causar uma onda de fúria com uma passada mais pesada, não vacilar enquanto enchia um copo com água para

que não se inundasse o tampo da mesa e caíssem gotas no chão da cozinha, muito lentamente, enquanto eu ficava ali ao lado. «Nem por uma vez te serves em condições», dizia o meu pai, de seguida a porta batia, depois o recurso a outra coisa qualquer, algo que a minha mãe tinha feito, que não tinha varrido em condições, o café que não estava bem preparado, até quando era eu que não tinha varrido em condições em vez dela, o que por seu lado desencadeava do meu pai um «Devias então ter sido tu a fazer!» dirigido à minha mãe que, numa atmosfera de outra espécie, podia ter provocado o efeito contrário. «Fica sossegada, silêncio, silêncio!», gritava ele então, e as rugas ao lado da boca distendidas, que eu devia ter lido como primeiro sinal, tornavam-se fissuras profundas, ligavam-se com as rugas de fúria na sua testa, que já então se tinham gravado e permaneciam inalteradas a qualquer hora do dia. Tinha algo a ver com estas rugas. Com o modo como a minha mãe silenciosamente dobrava a roupa lavada virada na direção do meu pai. A hora do dia a que ele tomava as refeições. Se ele lavava o cabelo. A porta da sala. E em comum a tudo isto havia este silêncio, para o qual nasceu em mim um sexto sentido.

A Sophia dizia de si: «Chamam-me o dicionário ambulante», pois ela tinha apanhado a expressão numa série de detetives no canal *KIKA*, o único canal de televisão que os pais lhe permitiam ver. Daí em diante, todas as noites antes de adormecer, ela começou realmente a folhear o *Dicionário de Alemão – Francês* da sua mãe. «Aprende-se qualquer coisa», dizia ela; também isso parecia ter apanhado de outra pessoa. Enquanto ela folheava no seu dicionário sob a luz quente do candeeiro da sua mesinha-de-cabeceira, eu permanecia tensa no escuro, folheava o meu próprio dicionário, traduzia os estalidos das velhas vigas da casa, traduzia os copos que ao longo do dia tinham saído do armário da cozinha, que em parte se empilhavam na sala de estar e em parte estavam quebrados e com rachas no caixote do lixo, preocupava-me em deixar para trás tão poucas pistas quanto possível para que ninguém tivesse que me dirigir a palavra. Quase como se tivessem vida própria, os copos moviam-se, como numa sessão espírita. A vitrine do armário da sala tinha caído das

dobradiças como que por causa de uma violência cósmica, durante o período do dia em que eu estava na escola, e a minha mãe tinha varrido os cacos.

Começou uma nova temporada de *Quem quer ser milionário?*. Pontualíssimo, o meu pai sintonizava a emissão todas as semanas e acendia de maneira presunçosa um cigarro quando acertava numa das respostas. Ele pensava que na escola se esperava de mim o mesmo que dos concorrentes, a saber: apregoar palavras isoladas como respostas, e eu também pensava o mesmo, razão pela qual recebia de todas as vezes penalizações nas pontuações dadas aos meus trabalhos na aula, pois apenas escrevia no exercício proposto uma frase breve, que deixava de lado todos os pensamentos que tivera antes de responder. Acreditava que os meus pensamentos não interessavam a ninguém e que essas eram as respostas esperadas de mim. Não tinha espaço na minha cabeça para *accent aigu* e *accent grave*, nem para o significado de *marché, des légumes, des fruits, un kilo d'artichauts*. O senhor Kaiser mostrava com as mãos como separava as folhas da alcachofra e as mergulhava em manteiga liquefeita, «para entrada, marinadas com um pouco de alho, de seguida um aperitivo, *un verre de vin, s'il vous plaît*», dizia ele, e apertava a folha escamosa imaginária com os dedos de uma mão e o copo de vinho nos da outra. Para mim, não era importante reparar nestes significados, mas sim nos sinais que asseguravam a sobrevivência a mim e à minha mãe. O vinho ressequido nas panelas tornou-se num detonador de um reflexo, tal como o piscar dos olhos ou o baixar da cabeça numa situação de perigo. «Fica calada, fica calada», dizia a minha mãe, e calada ficava eu; no meu cérebro, em lugar das regiões relevantes para a memorização de vocábulos, situava-se um areal de silêncio, uma espécie de silêncio como o que surge logo a seguir ao barulho de vidro a quebrar.

«Viste o último *Quem quer ser milionário?*», perguntava o meu avô à tarde, quando o meu pai passava no seu quarto depois do trabalho, onde ele ouvia sentado numa cadeira as notícias e os programas de desporto, e então partilhavam entre si o que cada um deles tinha ou não sabido responder. O

conhecimento da resposta à pergunta dos milhões era a chave para um mundo oculto, que eles contudo tinham na mão, mas no qual nunca tinham penetrado. O meu pai telefonava todas as semanas para o número de valor acrescentado a partir do qual era possível candidatar-se a um lugar no programa, ditava o seu nome para a gravação com uma voz ténue, fugidia, e de todas as vezes eu tinha esperança de que ele não fosse selecionado, pois sabia que ele se ia sentar com os seus ombros bamboleantes no banco alto de alumínio, ofuscado pelas luzes e tão agitado que, ao longo de toda a emissão, o coração lhe ia sair pela boca por bater tão forte e ele não conseguiria pronunciar nenhuma palavra.

[...]

Que eu não podia pertencer à elite tinha também a ver com os empregados dos bares da zona conhecerem o nosso número de telefone. «Ele está de novo com cantorias?», murmurava a minha mãe ao auscultador nessas noites, antes de se cobrir em silêncio com o seu casaco, e eu ouvia como ela pegava na chave que estava no chaveiro. Uma vez e outra, ia ela buscá-lo, fazia com ele o curto percurso que ia do *Conny's Eck* ou do *Schluckspecht* até casa, agarrava nele pelo braço quando ele ameaçava tropeçar nos carris do elétrico, olhava penosamente perturbada para o chão quando alguém se cruzava com eles. Era uma cena que teria podido suceder-se em qualquer século. O único sinal que apontava para o presente eram as máquinas de jogos a piscarem nas tascas, as luzes elétricas, um telefone com que se ligava à minha mãe, e uma televisão ligada a um canto. Mas esta cena também se podia ter perfeitamente passado numa tasca empoeirada dos anos cinquenta, que nessa altura ainda era chamada de «taberna», como fazia o meu avô: «Estiveste de novo na taberna?», perguntava ele ao meu pai em tom amistoso. Era uma cena que já tinha sucedido assim centenas de vezes, que se podia ter sucedido em qualquer outro lugar, numa qualquer povoação da montanha ou junto ao mar entre os pescadores e as ruas poeirentas conhecidas da minha mãe. Era uma experiência tão sem tempo nem lugar que já se devia ter inscrito no genótipo humano, pois a minha mãe sabia exatamente o que fazer para passar o meu pai

através da porta, deitá-lo no sofá, tirar-lhe os sapatos, como se esse fosse o seu papel inato.

De manhã, o apartamento rescendia a álcool, e às tardes, quando eu chegava da escola, a chave estava metida por dentro, de maneira que eu precisava de a empurrar da fechadura para fora com uma caneta do meu estojo. Esperava encontrar algo horrível, mas era apenas a luz do sol, que caía sobre as garrafas e brilhava sobre os restos do fumo de cigarro, e eu, que estava no apartamento vazio com a mochila da escola na mão direita e percebia que o meu pai tinha desaparecido e já me tinha esquecido de novo.

Tinha que ver com os meus pais terem uma assinatura de uma revista de televisão e ninguém ler um jornal diário. Os jornais diários eram pelo menos algo que os professores designavam expressamente. Eu não sabia como é que, entre tudo o que se passava, devia dizer aos meus pais que deviam comprar um jornal diário.

«Mercado – qu'est-ce que c'est?» O senhor Kaiser acentuou a frase como se eu não conseguisse perceber sequer a palavra em alemão.

Tinha que ver com o meu pai ter comprado, na sua última ida ao *Clube do Livro*, a obra *Cultura: Tudo o Que é Preciso Saber*, mas não ter passado das primeiras páginas. Tal como o meu pai, eu acreditava que o livro fosse um meio de salvação contra as minhas insuficiências, razão pela qual, à pergunta da Sophia sobre o que planeava fazer no fim-de-semana, respondia que queria «apenas ler» o tempo inteiro. Sophia olhou-me de lado com um olhar que senti ser de ligeiro menosprezo. Porque tentei comportar-me de maneira elitista. Porque assumi uma pose que ninguém tomava a sério em mim. Porque provavelmente não ia ler, mas sim sentar-me diante da televisão e comer sementes de girassol até os meus lábios ficassem esbranquiçados e ressequidos.

A Sophia só às vezes é que podia ver televisão, assim como comer entre as refeições. A sua mãe fazia-lhe então uma «lambarice». Os ingredientes para esses pratos, ia ela buscá-los à prateleira de cima de um armário de cozinha, à

qual a Sophia não devia chegar sozinha, e colocava-os num prato depois de os retirar da embalagem.

Ocorreu-me que se refletia nisso a serenidade dos seus pais em relação a si, como se o segredo de todo o sucesso assentasse nesta maneira de servir guloseimas com conta certa, nas *leggings* Capri e nas sapatilhas Adidas verdadeiras que ela usava, e nos elásticos de cabelo que usava em cores a combinar com as suas t-shirts.

Debaixo da minha camisola acumulava-se o calor, a saliva fugia da minha boca, a minha língua era um pedaço de carne inerte que pressionava contra o palato. «A resposta devia sair disparada como de uma pistola!», dizia o senhor Kaiser. «Então?», ele abanava o livro na sua mão, o seu nojento bafo a café batia no meu rosto; ele virou-se, afastando-se de mim.

«Sophia. Mercado – qu'est-ce que c'est?»

«Marché.»

Eu olhava para as marcas húmidas dos meus dedos impressas sobre a madeira.

[...]



Letra – Portal de Literatura Contemporânea de Expressão Alemã

Goethe-Institut Portugal

Campo dos Mártires da Pátria, 37

1169-016 Lisboa | Portugal

www.goethe.de/portugal/literatura

biblioteca.lisboa@goethe.de